PQ9697
M237
48
927

TOSTES MALTA

REVOADA

POEMAS

RIO DE JANEIRO

MCMXXVII

TOSTES MALTA

PQ9697
.M237
R48
1927

REVOADA

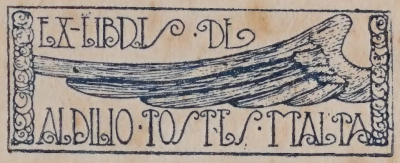
POEMAS

RIO DE JANEIRO

MCMXXVII

c
cb

A mi caro Frontillo
de Araujo - con
sincera
adhesión de
Tabaldi!



DO MESMO AUTOR:

ADOLESCENCIAS ROSEAS-VERSOS-1924

(Prefacio de Luis Carlos).

EM PREPARO:

Fadas e Principes

O Elogio dos Poetas Mineiros

ILLUSTRAÇÕES

DE

LUIZ DE GONZAGA

A' memoria de minha Mãe

REVOADA

NESTA Revoada, eu scismo,
numa Ascensão
de Azas e de Rosas, na inquietude
das minhas emoções:

— nos anseios de luz; nas illusões
de uma gloria que se não alcança;
no desejo; no tédio; na desesperança...

— Nos tumultos que trago, em toda a plenitude,
no abysmo
vermelho do meu coração.

PARTE I

ASCENSÃO DE AZAS

"Azas, tontas de luz, cortando o firmamento..."

OLAVO BILAC

"Ser passaro, e queimar as azas nas estrellas..."

LUIZ DE GONZAGA

TRANSFIGURAÇÃO

Desejo de subir... vencer a Altura,
cégo do resplendor das nebulosas!
Subir como um condor — a alma bem pura —
para tombar transfigurado em rosas...

NAS AZAS DO MEU VERSO

VIM cansado; a meus pés morrem os ventos
de um longinquo deserto e de um céo langue;
assim como me vês, pallido e exangue,
soffro a angustia dos grandes Elementos.

Vi poentes de ouro e occasos somnolentos,
onde o sol é um heroe vertendo sangue...
E vi paizes, como um largo mangue,
germinando o microbio dos Tormentos.

E, por um caminho áspero e diverso,
sempre ao abysmo succedendo a serra,
trouxe meu corpo exanime, de rastros,

para te dar, nas azas do meu verso,
as gemmas que colhi, descendo á terra,
e o fogo que arranquei, galgando os astros!

MUSA

DESCES a mim envolta em mysticismo,
pondo, dentro dos meus, os teus olhares;
comtigo trazes o pallor dos luares
e toda a essencia do espiritualismo.

E's luz e sombra. Vives, num dualismo,
a placidez dos céos e a ansia dos mares!
E, grave como os anjos tutelares,
transfiguras-te em sons no meu abysmo.

Penetras o meu ser profundamente;
Com tua voz, meu pensamento enleias;
revelas-te, em meus gestos, de repente.

E's o sol que flammeja no horizonte!
— dir-se-ia que fecundas minhas veias
e ardes, como um clarão, em minha fronte!

DESTINO

OLHA este brando rio que colleia
e tantas voltas dá pelas collinas...
Murmuram suas aguas crystallinas
canticos redolentes de sereia...

Do mesmo lado, a margem sempre cheia
de pútridos paúes, sombras felinas,
um outro rio deixa, nas campinas,
immundicies trazidas pela areia.

Delle fogem as aves assustadas,
e os homens nunca vêm ao seu regaço
tirar o pó das longas caminhadas...

Olha, depois, além, naquellas curvas:
— o rio de aguas claras, num abraço,
vae misturar-se ao rio de aguas turvas...

AMERICA

HA de existir, além, um outro mundo;
talvez na curva azul do firmamento,
que os meus olhares, num deslumbramento,
crêm emergir do mar verde — profundo.

E, olhos fitos no sol já moribundo,
o genovez, ouvindo a voz do vento,
perscruta o céo longinquo e pardacento,
onde a chamma de um astro irrompe, ao fundo.

Subitamente, todas as estrellas
engastam-se na aboboda infinita...
A brisa, brandamente, enfuna as vélas...

.....

A madrugada veste azas de pombo;
e, espalmando no oceano uma aza afflicta,
com a outra, beija o Sonho de Colombo...

TERRA MINEIRA

(*A meu Pae*)

O sol passou no Azul o seu pincel de sangue
e avança pelo espaço illuminando Minas;
a floresta accordou de um somno longo e langue:
— ha um cheiro virginal e quente de resinas.

A terra inteira é um canto alegre do trabalho
da semente que vae ser flor e vae ser fructo;
as arvores, na luz, estão cheias do orvalho
que a noite, antes, verteu do seu eterno lucto.

O vento passa e afasta as folhas irrequietas
numa voz de crystal, aguda e penetrante;
dentro dos ninhos canta a alma ingenua dos poetas
e, nas frondes, não ha cigarra que não cante !

O rio é uma serpente, e as aguas gorgolejam
beirando os cafezaes que se vestiram de ouro;
e, no fundo do rio, entre as gemmas que alvejam,
a arca em que o sol deixou o seu vestigio louro...

Todo o céo é um clarão que se desfaz em brasas,
num incendio de luz pela Terra Mineira!
E, ao longe, como um corvo espadanando as azas,
o vulto enorme e azul da Serra Mantiqueira !

A SCIENCIA

GUARDO, dentro de mim, como um arcano,
o trabalho que vem de todo o povo;
e rasga-se, ao meu gesto, o germen novo
que agita as gerações, num fogo insano.

Os astros me conhecem; todo o oceano
ouviu meu nome, e os ventos, si eu me movo,
rastejam aos meus pés, num ruido côvo,
presos por um dominio sobrehumano.

O universo palpita entre os meus dedos,
desvendando, aos meus olhos, os segredos
das suas convulsões, dos seus martyrios...

E o homem, afflicto, arqueja, nos meus braços,
e o seu craneo, suspenso nos espaços,
irrompendo em vulcões, floresce em lirios...

VERTIGEM

NA vertigem da Altura, vim, num grito,
rolar, em convulsões, dos céos de brasa;
as mãos, por onde o sangue se extravasa,
rasguei-as nas arestas do granito...

Trago o fogo dos sóes, no olhar afflicto:
— arranquei-o, de subito, abrindo a aza
do sonho temerario que se abrasa
nas nebulosas soltas no Infinito...

E tenho a fronte cheia do tumulto
dos astros, como uma visão violenta,
num crescendo de angustia que allucina...

E, torturado, sinto que o meu vulto,
numa aurora infernal, sanguinolenta,
vou queimando nas chammas da retina...

OCEANO

RUGES; nas tuas coleras bravias
torces os braços verdes e gigantes,
que se arrastam nas praias alvejantes
e se quebram nas brutas penedias...

Logo ás primeiras vibrações dos dias,
é teu o beijo de ouro dos levantes...
E, nas noites, os astros tremulantes
vêm banhar-se nas tuas aguas frias...

E quando o céo azul se enche de brumas,
na volupia crescente que te agita,
rolas, pelas areias, nas espumas...

E escuto, no teu dorso em convulsões,
um longinquo rumor de alguem que grita
na musica sinistra dos trovões...

CLAMOR

FOGES de mim, em vão: por toda a terra
ouvirás o clamor da minha voz;
no espaço azul, serei como o albatroz
roçando a aza nos pincaros da serra.

E, sombra que entre as outras sombras erra,
dos teus rastros seguindo sempre após,
presinto, numa vibração veloz,
hymnos de paz, relampagos de guerra.

Foges de mim, em vão; pára um instante
e escuta esse rumor, que vem distante,
morrer no ermo estrellado em que me esperas:

— são versos que por toda a terra espalho,
que sobem para o céo, de galho em galho,
e, em musicas, rebentam nas espheras...

NA MINHA MESA

NA minha mesa, lado a lado quasi,
entre os papeis e os livros que eu estudo,
como um contraste, estão o Nada e o Tudo,
a Vida, e a Morte em derradeira phase...

Vida — um retrato que se envolve em gaze.
Morte — de uma caveira o riso mudo.
E, atravez destes symbolos, o escudo
do mysterio que os cerca em sua base.

E o pensamento, interrogando os dois
extremos — teu retrato e uma caveira —
desvenda, afflicto, o que serás depois.

E, embora seja a Morte irremissivel,
este arcano que envolve a Vida inteira
eu julgo muito mais incomprehensivel...

ANGELITUDE

VIVES em tudo quanto choro ou canto,
envolta numa angelica doçura;
é de ti que me vem a crença pura
de achar, na propria dor, algum encanto.

E quando as preces para o Azul levanto,
nessas horas de mystica ternura,
é a ti que o meu espirito procura
e crêm os olhos ver teu rosto santo.

Teu manso vulto em minha fronte adeja;
e si, algemado a uma intima tortura,
escrevo revoltado e em fel immerso,

transformas todo o mal que me bafeja,
envolta numa angelica doçura,
na bondosa harmonia do meu verso!

SOIS COMO O SOL

SOIS na Terra, Senhora, um pequenino
vulto feito de luz, feito de renda...
e, em vosso coração adamantino,
a bondade sorri, numa offerenda...

E sois tão linda que eu vos imagino
como uma figurinha de legenda,
— dessas que os poetas dizem que o Destino
creou para enfeitar a humana senda...

Sois como o Sol que, em vindo, se annuncia
por uma nevoa de ouro que fluctua
até que rompe, finalmente, o dia;

sois como o Sol que, em se indo, continúa
scintillando na luz dormente e fria
e cheia de saudade: a luz da Lua...

A DESTRUIÇÃO DE TEBE

A MEUS AVÓS

LENTO e lento, na serra, o sol destrança os fios
da fulva cabelleira, a espelhar-se nos rios
que correm soluçando a eterna cantilena
da alegria pagã que a Natureza enscena...

Como um gigante de ouro, erguendo os braços, rica
e altiva, Tebe tem scintillações de mica
nas muralhas de pedra e no immenso zimborio
da torre que domina e guarda o territorio.
Para além da cidade, estendendo-se ao sul,
o oceano lança ao céo profundamente azul,
o seu glauco furor de espumas...

As triremes
deslizam, mansamente, obedecendo aos lemes...
As proprias ondas têm, como vozes de oragos,
um tumulto de guerra em seus bramidos vagos...

Cheio de orgulho volta o rei Kabir, e a plebe,
pelas ruas, saúda o guerreiro de Tebe.
Agitada, convulsa, a multidão se aperta
á passagem do heróe da cidade liberta.

(Ha pouco tempo atraz, por dentro da muralha,
a duvida pairava, ao rugir da batalha.
Porém, a Sorte é cega; é sempre transitoria:
— numa sortida o rei Kabir teve a victoria).

Abrem-se os Templos e, ante o Symbolo da Guerra,
humilde, a multidão curva os joelhos em terra.
Passam, depois, em ala, os homens de mãos presas,
e as donzellas ouvindo um côro de baixezas;
os prisioneiros vêm, então, toda a mulher
da sua raça exposta em praça, a quem mais der...
E, indefesos, ao lado, assistem, na partilha,
a agonia da esposa, as lagrimas da filha...

A' noite, no Palacio, o vinho accende a chamma
da Volupia e enlanguesce o sangue que se inflamma.
A clamyde pelo ar, as dançarinas passam,
parecendo os seus pés duas plumas que esvoaçam...
E cortezãos e rei confundem-se na orgia
não pensando, siquer, no amanhecer do dia.
Tumultúa o festim; e, ao longe, uma fumaça
ascende em espiraes e toda se adelgaça...
E a chamma, pequenina e azul, devagarinho,
vae-se alastrando, emquanto os homens tomam vinho...

Ruem casas; o horror do incendio, de repente,
desnuda-se crescendo, estrepitosamente;
E toda a cidadella arde num só braseiro
por onde passa o vulto alvo de um prisioneiro...
.....
E quando o sol voltou ás aguas crystallinas,
de Tebe, só restava um monte de ruinas...

CANTO DE LUZ

CONTEMPLA ainda o Sol, contempla a Vida,
embriaga-te de Luz e de Illusão...
Canta, como a Cigarra, a despedida
deste ultimo Verão.

Vive, num dia, os sonhos de Victoria
e toda a angelitude que a alma encerra;
depois, humilde, cáe, sentindo a Gloria,
para o seio da Terra!

Não te humedeça o pranto os olhos fundos;
encha-se, antes, de amor a tua vista!
E, sonhando outras Luzes e outros Mundos,
morre como um Artista!

PARTE II

ASCENSÃO DE ROSAS

"... eu vejo o Céo, baixado em nebulosas,
Com beijos d'astros desfazendo a Terra
Numa revoada virginal de rosas..."

LUIS CARLOS.

"... lyricas venturas
Que floriram nas quadras milagrosas
E viveram, talvez por serem puras,
A duração ephemera das rosas..."

PEREIRA DA SILVA.

DON
ZA
GA

OFFERENDA

NESTA Ascensão de Rosas, ponho
todos os meus carinhos,
e sonho
que vens de um coração de espinhos
despetalando o meu rosal de amor.

"Rosal? mas falta-lhe o perfume!"
— hão de dizer abrindo este volume.
E' que fiz delle o teu abrigo
em flor...

E todo o seu perfume
fugiu nas tuas mãos... fugiu comtigo,
meu querido amor...

MINHA ROSEIRA

PEREGRINO do Amor e da Arte, eu canto e louvo
a Vida em seu reflexo mais tristonho...
E, em visões harmoniosas, entre o povo
indifferente, espalho as rosas do meu Sonho...

Minha Roseira, pelo Outono frio, ainda
estende os ramos cheios de perfume;
e apenas uma rosa, extranha e linda,
nesta estação balouça, ouvindo o meu queixume...

— Rosas de toda a côr, em mez primaveril,
lembram, umas, donzellas romanescas,
tão pallidas que são em seu hastil;
outras, lembram heróes, tão rubras e tão frescas...

Em todas ellas vaga uma lembrança bôa
junta a um nome que é dado pela edade.
Na Primavera morrem quasi atôa:
— estas chamam-se Amor; as do Outono: Saudade...

TRILOGIA DO CORAÇÃO

I

ALEGRIA

A Alegria é tão fragil, meu amor!
Olha: ainda ha pouco estavas sorridente
e os teus olhos ficaram cheios d'agua,
como si a magua
tivesse
vindo, de repente,
meu amor...

Porque? Tu mesma não o sabias
e não querias
que ninguem soubesse;
entretanto,
em cada canto
dos olhos, uma gotta reluzia
como um brilhante preso a uma esmeralda escura...

Depois,
sorriste-me, outra vez, com alegria;
e eu penso, num silencio de ternura
e subtileza,
que entre nós dois
a Alegria é uma fórma da Tristeza...

II

TRISTEZA

A Tristeza é tão suave, meu amor!
E este silencio me faz bem.
O silencio tem musica e tem côr:
— tudo é azul, agora,
e ha violinos nas sombras quietas
dos arvoredos pelo campo afóra...
— Vem ouvir o silencio azul dos poetas!

A Tristeza tem mãos de paina e de velludo
onde repousa a musica doentia
dos Schumann do silencio...
Tudo
adormeceu em mim como si alguem
fechasse o meu olhar cansado
para eu dormir no teu seio
pequenino e immaculado.

— A Tristeza é tão suave, meu amor,
que eu creio
que a Tristeza é uma fórma da Alegria...

III

FELICIDADE

FELICIDADE é isto, meu amor:
— meus olhos nos teus olhos, minha mão
na tua mão... Felicidade
é este amor que com pouco se compraz,
que é um perfume de flor....

Não é o anseio de quasi toda a gente:
— essa ansiedade
que nunca se satisfaz.

Felicidade é isto, simplesmente,
que eu mesmo não sabia
e descobri cheio de surpresa:

— uma fusão
da tua Alegria
e da minha Tristeza
dentro do coração...

ROSA DE INVERNO

(A' Lota)

MAIS um anno que passa... mais um flóco
de algodão branquejando-lhe a cabeça...
Tão alegre, porém, que, ao vel-a, evoco
uma rosa que, á neve, empallideça...

Os meus peccados sempre ella perdôa
com um riso de amor que me acarinha
ou com o pranto aos olhos... e é tão bôa
que não ha outra egual a essa velhinha!..

E quando, ás vezes, passa para a reza,
de maneira tão candida e singela,
muita gente pergunta, com surpresa,
si é uma Santa que vae para a Capella...

Mais um anno que passa... Setenta annos
quasi, envolvendo-a, agora, em seus arrancos...
.....

— E eu só te tenho dado desenganos,
doce velhinha de cabellos brancos...

COFRE DE XARÃO

EU tenho no meu cofre de lembrança,
um pequenino cofre de xarão,
vestigios de outros tempos de creança,
cousas que falam muito ao coração.

Abrindo-o, minha infancia volta ainda
pelo milagre da recordação.
— Primeiras cartas... quanta cousa linda,
eu tenho no meu cofre de xarão!

Um pedaço de renda fala tanto!
Fala de ti com tanta indiscreção!
Mas essa rosa... que maior encanto
que uma rosa num cofre de xarão?

CREPUSCULO

QUANDO chegaste,
a terra abriu-se toda num thesouro;
teu corpo era flexivel como uma haste,
e o sol
envolvia-o num caracol
de ouro...

Quando chegaste,
tinhas na fronte anemonas e myrtos;
mas passaste
tão de leve, roçando os teus cabellos
entre os meus braços hirtos...
(Eu nem pude movel-os...)

A minha bocca não te disse nada
e os meus olhos doentios
lembravam dois crepusculos sombrios
numa encruzilhada...

E, agora,
que tu te foste embora,
tão sozinha,
pelos caminhos,
eu ouço a tua voz dentro dos ninhos
e vejo a tua sombra nos crepusculos
como si estivesses dentro dos meus musculos,
como si fosses toda minha...

CANÇÃO DO NOSSO AMOR

O meu amor é feito de veneno;
o teu é feito de perfume;
o meu amor é o crepitar do lume,
o teu é a gotta do sereno.

O meu amor é o oceano que se agita
em borbotões de espumas;
o teu é uma gaivota afflicta
que em minhas ondas vem banhar as plumas.

Sinto-te quasi imponderalizada
como a luz;
és o rythmo suave da ballada
mais bella que eu já compuz.

Tens o corpo de espumas das sereias
que fugiram do mar;
ardes em minhas veias
e em meu olhar.

Amo-te pelo espirito de escól
e pela graça que o teu corpo encerra;
amo-te e, em meu amor, sou como a Terra
que vive do calor do Sol.

MILAGRE

RECLINA a cabecinha nos meus hombros
e olha, agora, o caminho que trilhámos:
— aos nossos passos, flores, entre escombros,
surgiram, como os passaros nos ramos...

Tudo era o Outono, então. E, entre carinhos,
floriu a Primavera onde passámos!
Tua voz despertou, pelos caminhos,
a alegria que vae, por onde vamos.

Hoje, turve-se mesmo o firmamento,
escondam-se as estrellas do seu manto:
— ha em teus olhos mais deslumbramento
e mais astros nas gottas do teu pranto!

A GRANDE ESPERA

TARDASTE tanto
que não sei si ainda me queres;
emquanto
eu te esperava,
em meus caminhos
passaram muitas mulheres,
cantaram muitos ninhos...

— E eu não amei ninguem á tua espera!

Mas pensava:
— Ella virá, talvez, mais tarde, um dia
em que o sol estiver mais alto ainda!

E hoje, que a Primavera
atapetou de rosas essa curva
tranquilla que annuncia
a tua vinda,

vejo-te, emfim, buscando o meu olhar...
E eu, que te esperei tanto e te queria tanto,
não te detenho, a vista turva
de pranto,
porque não sei si vens para voltar...

MEU VIOLÃO

O' meu velho violão da magua antiga!
Em tuas cordas, quanta vez, meus dedos
foram deixando todos os segredos,
esquecidos na dor de uma cantiga!

Tinhas no bojo musicas azues
de lagos de ouro e de paisagens quietas
onde andam a alma angelica dos poetas
e o sonho immaculado de Jesus...

A tua voz foi sempre minha amiga
e sabia, de cór, meus desenganos;
mas já não és o mesmo de outros annos,
ó meu velho violão da magua antiga!

Hoje, não tenho uma canção siquer
para ferir as cordas retesadas
que apenas estremecem, já cansadas
de dizer tantos nomes de mulher!

FRASCO DE PERFUME

PORQUE te amo? não sei...
Direi
o mesmo si quizeres
saber porque é que o sol existe...

Porque és bella? creio que não;
só agora vejo
que tens toda a belleza das mulheres...

Eu era tão triste
e tinhas tão vazio o coração!
Vieste sorrindo, um dia, de vagar
e entraste em minha vida como um beijo
de luar...

Porque te amo? não sei...
— Tu és o meu unico bem
e eu sou o teu primeiro amor.

Meu verso é uma aza que subiu
cantando,
em tua gloria e em teu louvor.

E eu fiquei
pensando
que tu és um frasco de perfume que ninguem
abriu...

"MEU POBRE POETA" !

DISSE-LHE, certa vez, a minha historia.
(A minha historia é egual a outra qualquer
que tambem tenha o anseio de uma gloria
e a saudade de um beijo de mulher...)

Mostrei-lhe, sem querer, toda a alma inquieta
que põe no meu olhar tamanha magua.
E ella, depois de ouvir — "meu pobre poeta!" —
disse-me, e tinha os olhos rasos d'agua.

Acostumei-me, desde esse momento,
a transmittir-lhe os meus desejos vãos;
— tão perfeito era o nosso entendimento
que, na alma, pareciamos irmãos.

Mas, tornando-se leve o meu pezar,
calei minh'alma, dantes indiscreta.
E ella, que adivinhara o meu olhar,
chorando, murmurou: "meu pobre poeta!"

BEIJOS E ROSAS

HONTEM, pela manhã, eu te escrevi:
"Quero a tua presença radiosa...
Vem! preciso de ti!"
E, pelo mesmo portador,
mandaste-me uma rosa vermelha:
"Tens-me toda, num beijo, nesta rosa;
busca-me nella como a abelha
busca o mel na flor..."

Mas (pensa bem), tão grande é o meu desejo
que, si as respostas forem eguaes
toda a vez
que eu reclamar a falta do teu beijo,
não haverá mais rosas nos rosaes
em menos de um mez...

FANTASIA DA VIDA

I

PRIMAVERA

DONA Primavera
é uma senhora muito alegre e linda,
de olhos azues, de uma doçura infinda,
que nunca chega, quando a gente espera..

Dona Primavera, um dia,
plantou, no meu jardim tristonho,
uma arvore tão alta como um Sonho:
— a arvore da Alegria.

E, durante
muito tempo, esta arvore, até o cimo
verdejante,
foi todo o meu enlevo e o meu arrimo.

Certa manhã, porém,
eu despertei,
cheio de melancholia
e notei
que alguem
matára a arvore da Alegria.

Desde então,
ando espreitando, no portão
do meu jardim tristonho,
a passagem de Dona Primavera...

Ella passa, porém, tão longe como um Sonho
e desapparece na atmosphera...

II

VERÃO

VERÃO!
Meu sangue escalda, meu olhar flammeja
na ansia de te querer e te beijar;
meu halito de fogo te bafeja.
Mas foges, tremula de emoção,
e nunca mais queres voltar,
minha primeira andorinha de verão!

Perdôa
si o meu olhar offende o teu pudor:
— ando tão cheio de desejo
e tão vasio de amor!

Beija-me, ao menos uma vez,
e atordoa
esta febre de carinho
que arde em mim.

Depois, eu partirei, chorando,
pelo mesmo caminho
por onde vim
cantando
o meu amor...

Beija-me! porque tanta timidez,
minha andorinha taful,
si o proprio céo se arqueia atraz da serra
para beijar a terra
com o seu beijo azul?!

III

OUTONO

VAE ! vae dormindo o teu somno
egual ao somno dos passarinhos...

E' o Outono! E' o Outono!
Os ninhos
ha muito estão desertos. Tu tambem
partes, agora, meu amor...

As arvores estão em abandono
dentro da nevoa dos crepusculos,
e alguem
mudou a côr
do céo, e o céo está sombrio...

— Foi o Outono.

(O Outono é um pintor doentio,
de olhos baços e de flebeis musculos,
em busca das paisagens dos caminhos...)

Vae! vae dormindo o teu somno
egual ao somno dos passarinhos...

IV

INVERNO

O Inverno chegou
com o seu corpo esguio
e a sua cabelleira de bruma...

Tu, ha muito que partiste,
mas a tua saudade ainda perfuma
este ar tão triste
e frio!

Nem uma flor na terra! nem uma aza
no céo!
dir-se-ia
que a natureza se entorpeceu,
de tão fria,
em torno da minha casa...

O Inverno chegou...

Que saudade de tudo que passou!

TABOA

PARTE I
ASCENSÃO DE AZAS

	Pags.
Transfiguração	19
Nas azas do meu verso	20
Musa	22
Destino	24
America	26
Terra Mineira	28
A Sciencia	30
Vertigem	32
Oceano	34
Clamor	36
Na minha mesa	38
Angelitude	40
Sois como o Sol	42
A destruição de Tebe	45
Canto de Luz	49

PARTE II

ASCENSÃO DE ROSAS

	Pags.
Offerenda	55
Minha Roseira	56
Trilogia do Coração:	59
I Alegria	60
II Tristeza	62
III Felicidade	64
Rosa de Inverno	67
Cofre de Xarão	69
Crepusculo	70
Canção do nosso amor	72
Milagre	74
A grande espera	76
Meu violão	78
Frasco de perfume	80
"Meu pobre poeta!"	82
Beijos e Rosas	84
Fantasia da Vida:	87
I Primavera	88
II Verão	90
III Outono	92
IV Inverno	94

15.000

TYP. DO "JORNAL DO COMMERCIO"